

INTRODUÇÃO

Em maio de 2010, o Programa de Estudos em Filosofia Antiga da UFRJ, representado pela Profa. Carolina Araujo, e o Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UFMG, representado pelo Prof. Antonio Orlando Dourado Lopes, promoveram o primeiro colóquio dedicado aos grandes comentadores dos estudos clássicos. A série de colóquios, designada *Tradição e Ruptura*, foi pensada desde a necessidade de se compreender de onde falam os intérpretes dos antigos, considerando que a abordagem do antigo é sempre historicamente situada e política ou filosoficamente interessada. E nessa tentativa de entender e analisar a leitura do outro, é também a nossa leitura dos antigos que pomos em questão, sabedores de que os textos antigos não chegam a nós senão por meio de uma longa cadeia de cópias, leituras, aulas, traduções, edições, comentários etc. O texto, ele mesmo, não o conhecemos.

O primeiro colóquio da série *Tradição e Ruptura* teve como tema de discussão “os clássicos e a obra de Leo Strauss”. Em reuniões por dois dias, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Strauss foi discutido não apenas por professores e pós-graduandos da área de Filosofia Antiga, mas também por estudiosos de sua vasta contribuição para a Filosofia Política. Essa diversidade se reflete nos trabalhos que Kléos ora torna públicos.

Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira, Professora de Filosofia da Universidade Federal do Ceará e doutoranda em Filosofia na UFMG, com tese em andamento sobre a presença de Hesíodo na *República* de Platão, apresenta aqui um trabalho sobre a relação entre *phýsis* e *nómos* no livro II desse mesmo diálogo. Para isso, a autora se propõe a pensar a noção de direito natural clássico da perspectiva de Leo Strauss. Mais propensa a con-

cordar com o filósofo, do que propriamente a criticá-lo, apesar de descrever sua interpretação do princípio de justiça em *Natural Right and History* como controversa, Camila Oliveira adota a leitura de que Platão, com a *República*, mostra ser necessária a compatibilidade entre *phýsis* e *nómos*, sem, com isso, fazer da Filosofia uma propugnadora de normas e leis para a vida humana.

Luís Alves Falcão, atualmente Professor de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense e doutorando em Ciência Política na UERJ, com pesquisa na área de Teoria Política Moderna, especialmente nos temas do Republicanismo e do Direito Natural, apresenta nesta seção um artigo crítico à abordagem straussiana de Maquiavel. A partir da descrição de um Maquiavel não-filósofo, o mau “old Nick”, o autor pretende questionar os métodos utilizados por Strauss em suas análises, apontando textualmente passagens discutíveis e reveladoras da estratégia de leitura do comentador.

Carolina Araújo, Professora de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutoranda na Universidade de Ottawa, Canadá, com pesquisa sobre a articulação entre filosofia e política na *República* de Platão, nos oferece uma leitura sobre um curso de Filosofia Política ministrado por Strauss em 1959, na Universidade de Chicago, que versava sobre o *Banquete* de Platão, considerado, pelo comentador, seu diálogo “mais enfaticamente não-político”. A autora busca esclarecer o que Strauss entende por “não-político”, sugerindo, ao final do artigo, uma crítica à sua apropriação de Sócrates como modelo de filósofo e à de sua prática não-escrita como própria à Filosofia.

Ulysses Pinheiro, Professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutorado pela Universidade de Stanford, atualmente com pesquisa sobre a relação entre a filosofia cartesiana e o movimento jansenista, bem como sobre os temas da vontade, liberdade e determinismo em Leibniz e Espinosa, se ocupa, no artigo que vem a público, de explicitar e questionar a estratégia metodológica de Leo Strauss em sua leitura do *Tratado Teológico-Político* de Espinosa. No lugar da “hermenêutica da suspeita”, que visa a ler nas entrelinhas de um escritor perseguido suas doutrinas esotéricas, Ulysses oferece uma interpretação alternativa, baseada na tese de que o *Tratado* pretende, por um lado, descrever o funcionamento da imaginação em seu registro próprio e, por outro, mostrar que ela revela doutrinas importantes relacionadas à verdadeira

religião, as mesmas passíveis de serem demonstradas racionalmente.

Antonio Carlos Luz Hirsch, doutor em Filosofia e membro do Programa de Estudos em Filosofia Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa nas áreas de filosofia política, tradição platônica e tradição clássica no Brasil, retomando o tema trabalhado por Ulysses Pinheiro, analisa o artigo “Persecution and the Art of Writing”, publicado por Leo Strauss em 1941, mas não de um viés crítico, porém vendo na estratégia straussiana uma via para a compreensão da preservação da filosofia platônica e de sua habilidade em defender, para leitores cuidadosos, a coalescência entre filosofia e política.

Alice Bitencourt Haddad
Departamento de Filosofia
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro